

EXORCIZANDO A TRAGÉDIA

*Claudia Renault*¹

Resumo

A partir de uma exposição de fotografias sobre o holocausto, realizada em Paris, em 2001, o texto busca um paralelo entre as loucuras trágicas da humanidade, associando tais imagens às fotos do Museu da Loucura, localizado na cidade de Barbacena, em Minas Gerais. O texto recorre a Barthes, para falar da fotografia, a Freud, para falar de repetição e da memória, e à obra da artista plástica contemporânea Rosângela Rennó. Se até os dias de hoje assistimos, constantemente e de forma veloz, imagens dramáticas nas redes de televisão, na direção oposta, congelando as imagens das tragédias, esses museus, embora não sejam capazes de evitar o horror, de impedir a repetição, existem para testemunhar e denunciar tais fatos.

Palavras-chave: Fotografia, Museu da Loucura, Holocausto, Memória, Repetição.

¹ Artista plástica e gestora cultural, doutora pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, professora da Escola Guignard/UEMG desde 1997. Participou de exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior.

EXORCIZANDO A TRAGÉDIA

Claudia Renault²

A arte não reproduz o visível, ela torna visível

Paul Klee

Lembro-me bem de que, em 2001, em Paris, mais especificamente nas salas do L'Hôtel de Sully, aconteceu uma exposição de fotografias denominada "Mémoire des Camps"³. Tratava-se de uma mostra de fotografias dos campos de concentração e de extermínio nazistas⁴. Fotografias que vêm de diversos museus do mundo. Essa exposição foi organizada pelo Patrimoine Photographique, com a colaboração do Ministério da Cultura e da Comunicação da França e com o apoio do Ministério da Defesa – direção de memória, de patrimônio e dos arquivos.

Os aliados, ao se apossarem do território alemão em 1945, abriram os campos não só para as câmeras, dessa vez fotográficas, como também para a população vizinha, que, horrorizada com o que viu, dava a dimensão, pela sua expressão, do desconhecimento do que ali se passara.

² Artista plástica e gestora cultural, doutora pelo Colégio das Artes da Universidade de Coimbra, professora da Escola Guignard/UEMG desde 1997. Participou de exposições coletivas e individuais no Brasil e no exterior.

³ Disponível em: <https://catalogue.sciencespo.fr/ark:/46513/sc0000686928>. Acesso em jan. 2018.

⁴ Disponível em: <http://journals.openedition.org/etudesphotographiques/300>. Acesso em jan. 2018.

Figura 1⁵



Em sua apresentação aos “Commissaires de l’exposition”, Pierre Bonhomme e Clement Cheroux falavam de três perspectivas a orientá-los nessa exposição: primeiro, o fato de ela ser uma fonte de respeito por aqueles que ali estão representados, particularmente as vítimas; segundo, a vontade de compreender como tais imagens puderam existir. Mas, sobretudo e por fim, disseram lhes parecer menos grave hesitar em mostrá-las pelo risco de chocar do que correr o risco de esquecê-las. Seguindo o mesmo espírito, o Museu do Holocausto foi construído em Israel, e também o US Holocaust Memorial Museum, em Washington, dentre outros.

Em 16 de agosto de 1996, inaugurou-se o Museu da Loucura, um ambicioso plano de resgate da memória histórica de Barbacena, em Minas Gerais. O projeto foi desenvolvido pela Fundação Municipal de Cultura daquela cidade e buscava exorcizar uma tragédia, expondo para o público objetos, documentos, fotografias da década de 1960, quando o repórter Luiz Alfredo da revista *Cruzeiro* visitou o local e publicou tais imagens. O Museu da Loucura procura ser uma memória dos caminhos e descaminhos do tratamento psiquiátrico

⁵ Foto tirada pelo soldado H. Miller no campo de concentração de Buchenwald, Alemanha, em 1945, no momento da libertação pelos Aliados. Fonte: Rue des Archives/©Edimedia/WHA/Rue des Archives.

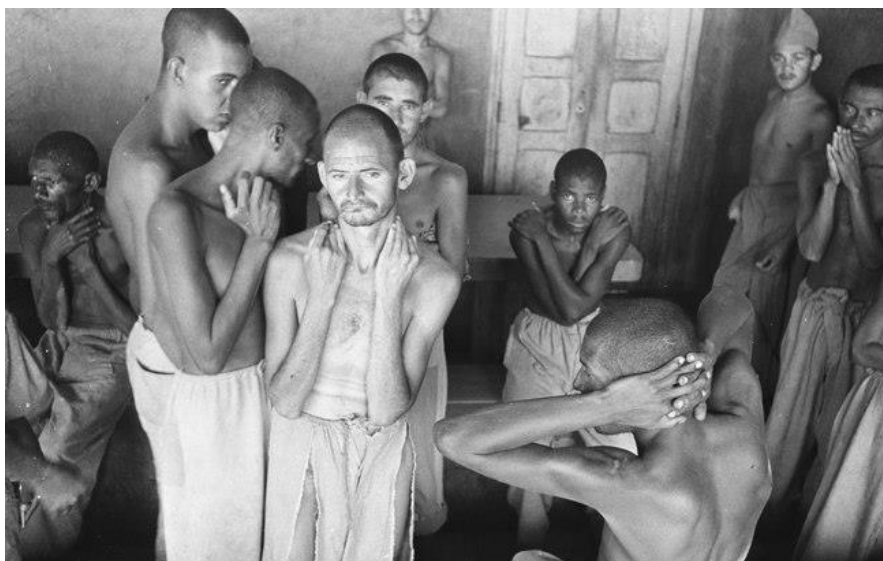
estabelecido em Minas Gerais desde 1900, quando foi criada pelo governo de Francisco Salles a Assistência dos Alienados do estado. Por falta de recursos, foi escolhido um prédio de um antigo sanatório de tuberculosos naquela cidade de bons ares.

Durante 30 anos, o Hospital Colônia de Barbacena funcionou de forma aceitável. Depois disso, sem estrutura para a superpopulação, a cidade passou a abrigar o horror de dezenas de “trens de doidos” que chegavam despejando, no Hospital Colônia, os “rejeitados de toda ordem”, que logo caíam num anonimato; alguns não retornavam mais ao lugar de onde vieram. Algumas fotografias dão o testemunho de mais que uma coincidência com os presos do campo de concentração⁶. Também o Museu da Loucura pretende, além de memória, ser um tributo às milhares de vítimas do lendário Hospital Colônia de Barbacena.

Não estamos mais em 1945, nos campos nazistas, nem mais existe, nos moldes em que existia, o Hospital Colônia, mas ambos os museus procuram, num esforço de memória, exibir as características de uma época de horror.

⁶ Disponível em: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cidade/20-11-2011/holocausto-brasileiro-50-anos-sem-punicao.html>. Acesso em jan. 2018.

Figura 2⁷



Como costuma acontecer, numa virada política, acabou a guerra, desapareceu o Hospital Colônia, e o Museu da Loucura tornou-se um local institucional privilegiado, redimindo um pouco as culpas, afinal, “exorcizando a tragédia” é mais que um subtítulo da matéria que apresentava o museu.

O que vemos é um passado posto à tona, à luz do discurso presente e a partir de interesses presentes. Há, contudo, uma espécie de ingenuidade – não muito visível, é verdade – quando a política atual, ao rejeitar os moldes antigos do manicômio e dar visibilidade aos acontecimentos de então, deseja a segurança de que “a história não vai se repetir”.

Mostrando o passado de forma congelada, através da fotografia, abre-se espaço para a reflexão sobre a temporalidade e sobre a identidade do campo da prática psiquiátrica. Talvez seja essa a necessidade antropológica moderna e pós-moderna dos museus: estarem abertos para o debate, gerando, então, reflexão filosófica. Ao mostrarem o passado seletivamente organizado, tornam-no

⁷ Museu da Loucura. Fonte: Divulgação/Luiz Alfredo/Revista O Cruzeiro, 1961.

indispensável para a construção do futuro. Quase um salva-vidas de um passado trágico. Nessa compreensão e reconstrução histórica, parece residir a garantia de se livrar de um passado considerado fardo e pesadelo sufocante. Constrói-se, então, uma versão que fica entre a necessidade de esquecer e o desejo de lembrar para não esquecer. Ao invés de alijar esse passado, pretende-se mantê-lo sempre presente. Porém – sempre há um porém – basta ler os noticiários para vermos como é pequeno o poder da memória.

Em seus estudos iniciais sobre a histeria, Freud depositava enormes esperanças no poder da rememoração como forma de resolver conflitos e de cessar as repetições, tornando compreensíveis sintomas que até então pareciam destituídos de sentido. Ao buscar uma forma que desse sentido para esses sintomas, acabou por construir um método de investigação. A rememoração, então, nesse momento, foi entronizada como forma privilegiada de buscar um sentido para o sem sentido. Vejamos, sobre isso, as palavras de Freud:

A análise de minha paciente Emmy von N. continha arquivos semelhantes de lembranças, embora não fossem tão plenamente enumerados e descritos. Esses arquivos são uma característica bem geral de cada análise, e seu conteúdo sempre surge em ordem cronológica tão infalivelmente fidedigna quanto a sucessão dos dias da semana ou dos meses numa pessoa mentalmente normal.⁸

Nesse pequeno trecho, Freud dá a entender o porquê do seu entusiasmo com esse método, e o descreve de forma cada vez mais elaborada, mantendo sempre presente o poder da rememoração. Rememorado o núcleo patogênico do sintoma, não haveria mais razão para mantê-lo.

Vinte e cinco anos depois, em 1920, Freud mantinha o recordar como método capaz de trazer uma possibilidade terapêutica, entretanto já se desiludira com o suposto poder da memória de atingir aquilo que, no centro de sua teoria, mostrava-se como a força demoníaca da “compulsão à repetição”. Para ele, há algo que não pode ser atingido pelo recordar, que não é recordável; trata-se, assim, de um “osso mais duro de roer”, de uma resistência mais difícil de ser

⁸ FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Freud*, Vol. 2. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974. p. 345.

atravessada: a repetição que a rememoração não tocava. Freud assim expressa um pouco de sua desilusão com o método da rememoração: “Vinte e cinco anos de trabalho mostraram-nos como tiveram por resultado que os objetivos imediatos da psicanálise são hoje inteiramente diferentes do que eram no começo”⁹.

No princípio da psicanálise, o médico que analisava não podia fazer mais do que descobrir o material inconsciente oculto, colhido pela rememoração, e reuni-lo para, no momento oportuno, comunicá-lo ao paciente. O método consistia, então, primeiro e acima de tudo, em uma arte interpretativa. Todavia, uma vez que isso não solucionava o problema terapêutico, um outro objetivo rapidamente surgia à vista: obrigar o paciente a confirmar a construção teórica do analista com sua própria memória. Nesse esforço, a ênfase principal residia nas resistências do paciente: a arte consistia, nesse caso, em descobri-las tão rapidamente quanto possível, apontando-as ao paciente e induzindo-o, pela influência humana – a sugestão, funcionando como “transferência”, desempenhava seu papel –, a abandonar suas resistências.

Contudo, ficou mais claro que o objetivo que fora estabelecido – que o inconsciente deve tornar-se consciente – não era completamente atingível através desse método. O paciente não podia recordar a totalidade do que nele se achava reprimido, e o que não lhe era possível recordar era exatamente a parte essencial. Por isso, o paciente via-se obrigado a repetir o material reprimido como se fosse uma experiência contemporânea, em vez de recordá-lo como algo pertencente ao passado. Nesse momento, a compulsão a repetir tornou-se o ponto central da teoria de Freud, que passou a considerar o poder da rememoração sem desconsiderar, entretanto, que ela não impede a repetição. Afinal, após tantos museus a lembrar as tragédias, elas não deixaram de se repetir.

De fato, é o caso de nos perguntarmos, sem nos precipitarmos em respostas rápidas demais, por que essa espécie humana repete tanto e pouco parece

⁹ FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Freud*, Vol. 18. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 17.

aprender com a lembrança, haja vista os casos Hiroshima, Kosovo, Carandiru... E, hoje em dia: Aleppo, guerras, guerras e mais guerras.

Em consequência do aumento dos conflitos no mundo, principalmente nos países subdesenvolvidos, o número de refugiados atingiu recordes inimagináveis. Quem diria, por exemplo, que aqui, no Brasil, no Acre, nesse momento se trava quase uma guerra contra os refugiados venezuelanos, que vivem em condições tão difíceis. São formalmente reconhecidos como refugiados – indivíduos que estão fora de seu país por temer perseguição racial, étnica, religiosa ou política – e vão configurando campos, campos de refugiados.

Os museus acima citados e outros não citados sempre provocam reflexão, causam um impacto profundo na política ao exibir e tornar visível a história ou a deficiência da memória tão conveniente ao poder. O passado vem à tona, mas à luz do discurso presente e a partir de interesses presentes. O Museu da Loucura, mais perto de nós, congelando um passado, abrindo espaço para a reflexão sobre a temporalidade e a identidade no campo da psiquiatria, mostra naturalmente as ideologias reinantes a cada momento. Àquela época, década de 1960, entramos em um estado de exceção, tão propício às ditaduras e ao silenciamento provocado por torturas de toda ordem. Hoje, as imagens podem estar expostas em um museu ou serem denunciadas em tempo real.

Walter Benjamin, refletindo sobre o tornar visível, diz que “só a fotografia revela o inconsciente óptico, como só a psicanálise revela o inconsciente pulsional”¹⁰. Mas o que talvez não fique tão visível é a loucura de todo museu – a impossibilidade de atuar nas repetições. Talvez, se pensarmos a arte como “um dos modos de reflexionar sobre a vida, a condição para a experiência artística é a capacidade que a obra tem de convocar o espectador para esta reflexão”¹¹. Essa loucura de todo museu convoca o artista e, nesse sentido, é exemplar o trabalho de Rosângela Rennó¹². Essa artista mineira pesquisou longamente os

¹⁰ BENJAMIN, W. *Magia e técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense. 1987, p. 94.

¹¹ MELENDI, M. A. “Arquivos do mal – mal de arquivos”. In: *Suplemento Literário*, n. 66, Belo Horizonte, dez. 2000, p. 24.

¹² O Projeto Cicatriz de Rosângela Rennó teve início em 1995, quando durante o seu doutorado na USP a artista descobriu no Museu Penitenciário Paulista, um grande número de negativos de

arquivos fotográficos do Museu Penitenciário Paulista na Acadepen, pertencente à Penitenciária do Estado de São Paulo.

Inaugurado por volta de 1910, o complexo do Carandiru compunha-se de quatro unidades autônomas: o Centro de Triagem, a Penitenciária Feminina, a Casa de Detenção (onde houve a chacina do Carandiru) e a Penitenciária do Estado. O material fotográfico do complexo iniciou-se por volta de 1915 no setor de Psiquiatria e Criminologia. A artista toma esse arquivo e, com seu olhar, realiza um trabalho arqueológico com as fotografias, ressaltando a amnésia, o vazio daquilo que nem chegou a ser memória, ou seja, dá visibilidade às falhas, ao que nunca foi. Sua tarefa não contempla a evocação, a rememoração, porém, como diz Maria Angélica Melendi, “a imagem refotografada se demonstra plena de sentidos, e apontada para um universo significativo do qual sempre esteve afastada”¹³. Destinada desde sempre à invisibilidade, produzidas para serem arquivadas e logo esquecidas, as imagens do Carandiru alcançam finalmente a visibilidade no campo da arte. As fotos e os textos que a artista arquiva não resgatam a memória, pois ela confere ao arquivo uma nova função, a de testemunhar, reafirmar e confirmar o esquecimento. “Rosângela Rennó recontextualiza essas imagens perdidas, recupera o que restou dos seus sentidos e abre para sentidos novos, numa luta constante contra a amnésia que impregna o persistente fluxo imagético que nos rodeia.”¹⁴ Não seria uma forma mais eficaz de contornar a repetição?

A imagem, hoje em dia, tornou-se uma ferramenta de desatenção. Mais imagens conseguimos devorar, mais imagens acabamos por esquecer. Em São Paulo, nos idos de 2001, as manchetes dos jornais estampavam cenas da maior rebelião organizada de presos até aquela época. Ironia? De novo o Carandiru! Destinada a ter visibilidade nas manchetes que logo são suprimidas pelas do dia seguinte, por outras tantas, essa história continua se repetindo hoje nas nossas

idro, que datavam de 1910 a 1950. As imagens do arquivo revelavam corpos dos presidiários, com destaque às cicatrizes e marcas. Estes negativos haviam permanecido por quase meio século nos porões do Carandiru.

¹³ MELENDI, M. A. *Idem*.

¹⁴ MELENDI, M. A. *Rosângela Rennó: Depoimentos*. Belo Horizonte: C/Arte (Circuito Atelier, nº 20), 2003. p. 4.

emissoras de televisão, que mostram cenas dramáticas dentro dos superlotados presídios.

Roland Barthes nos diz: “Como espectador, eu só me interessava pela fotografia por ‘sentimento’, eu queria aprofundá-lo, não como questão (um tema) mas como uma ferida”¹⁵. Nunca foi tão importante nas artes plásticas atuar ali, no coração da repetição. Chamar à luz esses tristes museus. Afinal, é a chance, por pequena que seja, de gerar a angústia necessária daquilo que não cessa de não ser esquecido. Em seu nada, serve para gerar efeito de criação, o que não é pouco.

¹⁵ BARTHES, R. *La Chambre Clair*. Tradução minha. Paris: Gallimard, 1980. p. 42.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, R. *La Chambre Clair*. Paris: Gallimard, 1980.

BENJAMIN, W. *Magia e técnica, Arte e Política*. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 1987.

FREUD, S. Além do princípio do prazer. In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Freud*, Vol. 18. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

FREUD, S. Estudos sobre a histeria. In: *Edição Standard das obras psicológicas completas de Freud*, Vol. 2. Tradução de Christiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

MELENDI, M. A. Arquivos do mal – mal de arquivos. In: *Suplemento Literário*, n. 66, Belo Horizonte, dez. 2000.

MELENDI, M. A. *Rosângela Rennó: Depoimentos*. Belo Horizonte: C/Arte (Circuito Atelier, nº 20), 2003.